

torno do tema, José Eli da Veiga aborda os principais momentos de afirmação da noção de *sustentabilidade*, assim como os impasses, as reviravoltas e os retrocessos que o cercam, desde a primeira megaconferência sobre o meio ambiente humano, organizada pelas Nações Unidas em Estocolmo, em 1972 (que lança as bases do PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), passando pela Rio-92, pelas conferências das partes das principais convenções multilaterais sobre meio ambiente e muitos outros eventos, inclusive os que foram agendados pela Rio+20 para as cruciais decisões que deverão ser adotadas pela ONU em 2015.

Atento tanto às circunstâncias políticas que envolvem os fóruns de debate como aos textos resultantes de suas conferências — nos quais a inserção ou a omissão de uma palavra pode trazer sérias consequências de longo prazo —, o autor constata como a proliferação de convenções e protocolos, com seus respectivos secretariados independentes, ao multiplicar e fragmentar as instâncias decisórias das Nações Unidas, também contribuiu para a inviabilização de efetiva governança global do desenvolvimento sustentável.

Mais do que isso: ao examinar de maneira imparcial o papel dos diversos atores envolvidos na questão — organismos internacionais, governos, cientistas, tomadores de decisões e sociedade civil em geral —, José Eli da Veiga mostra como os impasses do presente só poderão ser superados com uma mudança epistemológica que, além de proporcionar um novo modo de entendimento das Relações Internacionais, derrube algumas das barreiras que separam as Ciências Humanas das Ciências Naturais.

A legitimação da sustentabilidade como um novo valor é um processo que está, em muitos aspectos, apenas engatinhando — no entanto, ele já possui uma história de mais de quatro décadas. Traçar um roteiro preciso dessa história, indicando seus avanços e recuos, bem como as armadilhas que têm impedido a construção de uma governança global do desenvolvimento sustentável, é uma das tarefas a que se propõe este livro.

Em *A desgovernança mundial da sustentabilidade*, José Eli da Veiga, professor titular da USP e autor de diversos livros sobre o tema, ilumina o complexo tabuleiro da política internacional no tocante à temerária atitude global em relação às bases naturais das quais depende o seu desenvolvimento. Mobilizando um vasto número de dados e informações, o autor cruza diversas fronteiras disciplinares, detendo-se no exame das Relações Internacionais e na análise de suas principais correntes teóricas.

Sem se deixar levar por extremos, esta obra denuncia os obstáculos na busca de processos que articulem em escala planetária prosperidade e conservação ecossistêmica, mas não se alinha com o discurso dos apocalípticos, arautos das catástrofes. O resultado é um livro lúcido, instigante e informativo, que se dirige tanto ao leigo como ao leitor iniciado na matéria.



editora 34

A DESGOVERNANÇA MUNDIAL DA SUSTENTABILIDADE

José Eli da Veiga

José Eli da Veiga

## A DESGOVERNANÇA MUNDIAL DA SUSTENTABILIDADE

editora 34

Como conciliar a necessidade de incrementar o desenvolvimento global e diminuir as desigualdades entre os países e as regiões, sem comprometer, de maneira irreversível, seus fundamentos naturais?

Essa questão, que hoje está no centro dos debates mais esclarecidos sobre o desenvolvimento, tem passado por inúmeros avanços e reveses. Neste livro, José Eli da Veiga — professor titular do Departamento de Economia da USP, pesquisador de seu Núcleo de Economia Socioambiental (NESA) e orientador dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais (IRI-USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) — traça a história, tão curta quanto complexa, desses dois termos que fazem parte de uma mesma equação crucial: *desenvolvimento e sustentabilidade*.

Reunindo e analisando informações de várias fontes, o autor aponta o descompasso que existe entre, de um lado, a governança global do desenvolvimento e, de outro, a governança ambiental global, o que resulta em *desgovernança* — palavra-chave neste livro — no tocante às possibilidades de desenvolvimento sustentável.

Enquanto as origens da primeira remontam à ordem mundial que emerge após a Segunda Guerra — particularmente ao pacto de Bretton Woods (1944), que criou os principais organismos reguladores das trocas entre as nações, como o GATT, o FMI e o BIRD —, o termo *sustentabilidade*, embora tenha surgido em finais dos anos 1970, só entra de fato na agenda política internacional na década de 1990.

Acompanhando de perto os debates e os esforços, bem e malsucedidos, travados em

torno do tema, José Eli da Veiga aborda os principais momentos de afirmação da noção de *sustentabilidade*, assim como os impasses, as reviravoltas e os retrocessos que o cercam, desde a primeira megaconferência sobre o meio ambiente humano, organizada pelas Nações Unidas em Estocolmo, em 1972 (que lança as bases do PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), passando pela Rio-92, pelas conferências das partes das principais convenções multilaterais sobre meio ambiente e muitos outros eventos, inclusive os que foram agendados pela Rio+20 para as cruciais decisões que deverão ser adotadas pela ONU em 2015.

Atento tanto às circunstâncias políticas que envolvem os fóruns de debate como aos textos resultantes de suas conferências — nos quais a inserção ou a omissão de uma palavra pode trazer sérias consequências de longo prazo —, o autor constata como a proliferação de convenções e protocolos, com seus respectivos secretariados independentes, ao multiplicar e fragmentar as instâncias decisórias das Nações Unidas, também contribuiu para a inviabilização de efetiva governança global do desenvolvimento sustentável.

Mais do que isso: ao examinar de maneira imparcial o papel dos diversos atores envolvidos na questão — organismos internacionais, governos, cientistas, tomadores de decisões e sociedade civil em geral —, José Eli da Veiga mostra como os impasses do presente só poderão ser superados com uma mudança epistemológica que, além de proporcionar um novo modo de entendimento das Relações Internacionais, derrube algumas das barreiras que separam as Ciências Humanas das Ciências Naturais.

A legitimação da sustentabilidade como um novo valor é um processo que está, em muitos aspectos, apenas engatinhando — no entanto, ele já possui uma história de mais de quatro décadas. Traçar um roteiro preciso dessa história, indicando seus avanços e recuos, bem como as armadilhas que têm impedido a construção de uma governança global do desenvolvimento sustentável, é uma das tarefas a que se propõe este livro.

Em *A desgovernança mundial da sustentabilidade*, José Eli da Veiga, professor titular da USP e autor de diversos livros sobre o tema, ilumina o complexo tabuleiro da política internacional no tocante à temerária atitude global em relação às bases naturais das quais depende o seu desenvolvimento. Mobilizando um vasto número de dados e informações, o autor cruza diversas fronteiras disciplinares, detendo-se no exame das Relações Internacionais e na análise de suas principais correntes teóricas.

Sem se deixar levar por extremos, esta obra denuncia os obstáculos na busca de processos que articulem em escala planetária prosperidade e conservação ecossistêmica, mas não se alinha com o discurso dos apocalípticos, arautos das catástrofes. O resultado é um livro lúcido, instigante e informativo, que se dirige tanto ao leigo como ao leitor iniciado na matéria.



editora 34

A DESGOVERNANÇA MUNDIAL DA SUSTENTABILIDADE

José Eli da Veiga

José Eli da Veiga

## A DESGOVERNANÇA MUNDIAL DA SUSTENTABILIDADE

editora 34

Como conciliar a necessidade de incrementar o desenvolvimento global e diminuir as desigualdades entre os países e as regiões, sem comprometer, de maneira irreversível, seus fundamentos naturais?

Essa questão, que hoje está no centro dos debates mais esclarecidos sobre o desenvolvimento, tem passado por inúmeros avanços e reveses. Neste livro, José Eli da Veiga — professor titular do Departamento de Economia da USP, pesquisador de seu Núcleo de Economia Socioambiental (NESA) e orientador dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais (IRI-USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) — traça a história, tão curta quanto complexa, desses dois termos que fazem parte de uma mesma equação crucial: *desenvolvimento e sustentabilidade*.

Reunindo e analisando informações de várias fontes, o autor aponta o descompasso que existe entre, de um lado, a governança global do desenvolvimento e, de outro, a governança ambiental global, o que resulta em *desgovernança* — palavra-chave neste livro — no tocante às possibilidades de desenvolvimento sustentável.

Enquanto as origens da primeira remontam à ordem mundial que emerge após a Segunda Guerra — particularmente ao pacto de Bretton Woods (1944), que criou os principais organismos reguladores das trocas entre as nações, como o GATT, o FMI e o BIRD —, o termo *sustentabilidade*, embora tenha surgido em finais dos anos 1970, só entra de fato na agenda política internacional na década de 1990.

Acompanhando de perto os debates e os esforços, bem e malsucedidos, travados em